

PÓS-CONCRETISMO, O CONCRETISMO PAULISTA DEPOIS DE 1960.

Luís F. S. Sandes¹

O movimento concreto em São Paulo surgiu oficialmente em 1952 por meio de exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Ativo enquanto grupo coeso até 1959, em torno do grupo Ruptura, entrou em debates com outras correntes artísticas e assumiu postos de relevo no meio artístico local. O problema do presente artigo se refere à atuação do concretismo na modernização do campo artístico brasileiro ao longo das décadas. O objetivo é compreender como se deu a afirmação da geração concretista na cidade de São Paulo após a década de 1950. Ainda que o período de 1952 a 1959 seja considerado o histórico do movimento concreto, pode-se entender o movimento sob outros vieses. Assim, aqui o concretismo paulista é estudado em seus desdobramentos posteriores, isto é, o concretismo depois de seu auge, os artistas concretistas sem o apoio do movimento concretista.

Num primeiro momento, são levantados fatores que colaboraram para a retomada do concretismo após seu auge na década de 1950. Entre eles, encontram-se exposições, coleções de arte, galerias, bibliotecas e antologias, tanto no Brasil como no exterior – aqui discorre-se sobre as exposições. Depois, são investigados os ecos do movimento concreto na contemporaneidade. Ou seja, é pesquisado como o concretismo ainda se encontra presente atualmente no meio artístico, em suas propostas artísticas e além.

O estudo focaliza um grupo de quinze artistas e poetas relacionados com o concretismo paulista. São eles: Alexandre Wollner, Anatol Wladyslaw, Antônio Maluf, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Geraldo de Barros, Haroldo de Campos, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand, Kazmer Féjer, Leopold Haar, Lothar Charoux, Waldemar Cordeiro, Luiz Sacilotto e Maurício Nogueira Lima. O material examinado é

¹ O autor é mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP (2018), tendo se beneficiado de bolsa da Capes.

composto por biografias, manifestos, escritos autobiográficos, catálogos de exposições, estudos monográficos sobre artistas, matérias e críticas de arte publicadas em jornais, entrevistas ao autor, entre outros.

RETOMADA DO CONCRETISMO APÓS A DÉCADA DE 1950

Encerrou-se em 1959 o ápice do movimento concreto enquanto grupo coeso. Nesse mesmo ano foi o abstracionismo informal que dominou a Bienal de São Paulo. A partir da década seguinte, surgiram iniciativas que retomaram o movimento.

Houve, nos anos de 1960 e 1965, quatro exposições no exterior que exploraram o concretismo brasileiro. Em 1960, aconteceram três exposições: na Suíça, na Alemanha e no Japão. Em 1965, aconteceu uma no Reino Unido, focada em poesia concreta internacional. Ainda que tenham sido pioneiras, seu alcance em termos de propagar o concretismo foi restrito. Entre essas quatro mostras, destaca-se a ocorrida na Suíça, que colocou artistas brasileiros lado a lado com artistas estrangeiros. Ela foi curada por Max Bill, artista referência para os concretos brasileiros.

Contudo, mais significativa para a retomada do concretismo foi a exposição panorâmica Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962, que tomou lugar na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) no ano de 1977. Tal mostra promoveu uma reviravolta no cenário artístico brasileiro, que nos últimos anos não mais havia dado atenção ou valor ao concretismo. Adotou-se a expressão “projeto construtivo brasileiro”, que fora sugerida pelo crítico Ronaldo Brito à curadora Aracy Amaral e que engloba tanto o concretismo como o neoconcretismo.

Em 1987 aconteceu a mostra Abstração Geométrica: Concretismo e Neoconcretismo, primeiro no Museu de Arte Brasileira da Faap, em São Paulo, depois na Funarte, no Rio de Janeiro. Também uma panorâmica, assim como a mostra de dez anos antes, essa mostra dependeu de coleções diversas e lançou catálogo-livro, com ampla seleção de textos históricos e da época.

A exposição Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner, ocorrida em 1998, no MAM-SP, expôs obras unicamente da coleção do empresário paulistano Adolpho Leirner, o provável primeiro colecionador de arte abstrato-geométrica brasileira. Sua coleção foi iniciada em 1961 em viagem ao Rio de Janeiro, onde se deparou com obra geométrica de Milton Dacosta, a primeira dessa coleção – o colecionador já tinha outras coleções. Nos anos 2000, a coleção foi posta à venda. Não havendo interessados particulares ou públicos capazes de adquiri-la, ela acabou sendo comprada por um museu norte-americano em 2007.

Em 2002, o Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo fez um conjunto de quatro exposições acerca do concretismo, tanto em artes visuais como em poesia. Foram abordados o grupo

Ruptura, a obra de Antônio Maluf, a relação de Waldemar Cordeiro com a fotografia e a revista literária *Noigandres*.

Em 2006, o MAM-SP expôs Concreta '56: a Raiz da Forma, que tratou-se de uma reconstituição da I Exposição Nacional de Arte Concreta, ocorrida cinco décadas antes naquele museu em sua sede original e no MAM-RJ. Para Lorenzo Mammì, curador da exposição de 2006, a mostra de 1956 "[...] representou o momento de maior concentração do movimento, mas também o início de sua dissolução [...]" (MAMMÌ, 2006, p. 25). Foi ali que, expostos lado a lado, artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo acentuaram suas diferenças e rixas artísticas, que auxiliaram a determinar os rumos do movimento concreto brasileiro.

A mais recente exposição se deu em 2013: Vontade Construtiva na Coleção Fadel, no Museu de Arte do Rio. No ano seguinte, foi apresentada no MAM-SP. O conceito curatorial parte da afirmação de Hélio Oiticica que diz que haveria uma vontade construtiva geral na cultura brasileira. A relevância dessa mostra se dá por ela ter feito uma releitura da história da arte brasileira a partir desse conceito.

ECOS DO CONCRETISMO NA CONTEMPORANEIDADE

É necessário iniciar apontando-se que não se vive mais num período de encantamento com a modernidade como meados do século XX, quando o ideal concretista operava. Assim, não haveria um meio semelhante para a operação do concretismo atualmente. Logo, o que se pode esperar hoje encontrar são ecos, traços ou aspectos ligados ao concretismo.

Dentre o conjunto de opiniões de artistas relacionados ao concretismo sobre esse próprio movimento, destacam-se as de Ferreira Gullar e Augusto de Campos. Gullar, grande adversário do concretismo, afirmou: “Eu não vejo arte concreta. Certamente alguns artistas continuam fiéis àqueles princípios, àquelas coisas, mas, no panorama, é uma coisa que não se percebe. (Informação pessoal, 2015) Já Augusto tem posicionamento diametralmente oposto. Para ele, “a poesia concreta continua a provocar e a dividir opiniões” e seria sinal da sua vitalidade ela ser tabu em certos meios (NEUMANNE, 2004, p. 28).

Adolpho Leirner e Alexandre Wollner deram opiniões semelhantes sobre o concretismo hoje. Para Wollner, “A arte concreta influenciou na área do design [...]” (Informação pessoal, 2015). Já Leirner afirmou: “Eu acho total, o construtivismo e o concretismo e arte geométrica têm uma influência enorme na arte contemporânea, a partir dos anos 70 eu diria, com alguns artistas minimalistas brasileiros, como o Waltércio [Caldas], Cildo [Meireles]”. (SANDES, 2017, p. 31). Como se nota, ambos fazem referências pouco consistentes ao apontar para as possíveis influências do concretismo hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos pelos quais o concretismo passou após seu ápice nos anos 1950 são complexos e diversos. Aqui buscou-se ressaltar as linhas mestras do processo de retomada, por meio de análise das exposições relacionadas, e do que se chamou de ecos do movimento na contemporaneidade. Percebe-se que o processo de retomada precisa ser considerado em suas outras dimensões – atuação de galerias de arte, por exemplo. Já os ecos do concretismo na contemporaneidade são tarefa minuciosa que requer atenção para não se deixar se influenciar pela opinião dos envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy (Coord.). *Projeto construtivo brasileiro na arte: 1950-1962*. Rio de Janeiro: MAM; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2014 [1977].
- BÓAS, Glaucia Villas. Concretismo. In: BARCINSKI, Fabiana Werneck (Org.). *Sobre a arte brasileira*. São Paulo: WMF Martins Fontes; Edições SESC. São Paulo, 2014a, pp. 264-293.
- BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. São Paulo, Cosac Naify, 1999.
- COCCHIARALE, Fernando; GEIGER, Anna Bella (Orgs.). *Abstracionismo — geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Artes Plásticas, 2004 [1987].
- CYPRIANO, Fabio. Mostra começa amanhã com núcleo de arte construtiva que tem Clark e Volpi. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 23 ago. 2007.
- DUARTE, Paulo Sérgio. Modernos fora dos eixos. In: AMARAL, Aracy (Org.). *Arte construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998, pp. 183-222.
- LEIRNER, Adolpho. Colecionar é uma busca. In: AMARAL, Aracy (Org.). *Arte construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998, pp. 7-17.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp, 1999.
- MAMMÌ, Lorenzo. Concreta '56: a raiz da forma (uma reconstituição da I Exposição Nacional de Arte Concreta). In: MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. *Concreta '56: a raiz da forma*. São Paulo: MAM, 2006, pp. 23-51.
- NEUMANNE, José. Poesia virtual e concreta por Augusto de Campos. In: _____. *Com a palavra*. São Paulo: Sesc São Paulo; Lazuli, 2004, pp. 25-30.

O PROJETO construtivo no Brasil. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 19 jun. 1977.

OBRAS do acervo de Sérgio e Hecilda Fadel. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 maio 2017.

PICCOLI, Valéria. Cronologia 1945-1964. In: AMARAL, Aracy (Org.). *Arte construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998, pp. 277-303.

SANDES, Luis Fernando Silva. *Geração concretista em São Paulo: uma biografia coletiva*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo.

_____. Entrevista com o colecionador de arte Adolpho Leirner. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*. Londres, v.6, n.1, Dec. 2017. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/view/105523/154319>>. Acesso em: 14 nov. 2018.